Thomas Wild

Forasteiro

A Semente do Ódio

SÉRIE: FORASTEIRO

VOLUME: XX

TÍTULO: A SEMENTE DO ÓDIO

TÍTULO ORIGINAL:

TRADUÇÃO:

AUTOR: THOMAS WILD

CAPA:

EDITORA: CEDIBRA

Endereço para Reembolso Postal
Rua Eça de Queiroz, 346
CEP 04011 – São Paulo – SP
Distribuido por:
Fernando Chinaglia Distribuidora S/A
Rua Teodoro da Silva, 907
CEP 20560 – Rio de Janeiro – RJ

THOMAS WILD

A SEMENTE DO ÓDIO

Tradução de:

BOLSILIVROS

Rua Leônidas, 2 – Rio de Janeiro

Título Original:

© Thomas Wild
Direitos exclusivos para o Brasil:
CEDIBRA EDITORA BRASILEIRA LTDA.
R. Papa Paulo VI, 856 – Jardim do Trevo
Campinas – SP – CEP 13030
Caixa Postal 5261

1° edição –

Diretor Presidente: Jan Reis
Editores: Rita de Cássia Assis
Walter Mansoletti Jr.
Gerente de Vendas: Luiz Antonio S. Ploto
Produtor Gráfico: Antonio V. Marques

O texto deste livro não pode, no todo ou em parte, nem registrado nem reproduzido por qualquer meio mecânico, sem a expressa autorização do detentor do Copyright.

CAPÍTULO 1

O trem seguia lentamente para o norte. Fazia frio e o cabo Hannibal Causter estava preocupado.

A noite escura, o vento cortante e o silêncio cheio de apreensão de seus companheiros o preocupavam.

Há horas que a guerra ficara para trás. Em parte, sentia-se aliviado, livre de um fardo que sempre lhe parecera insuportável.

Definitivamente nunca fora o tipo indicado de homem que se habituasse a matança, à violência e às injustiças da guerra. Somente as pressões familiares, um dever instintivo e não explicado com a região em que nascera, o sul dos Estados Unidos, o levara a tomar parte nela.

Naquele outono de 1864, a guerra civil entre os estados americanos estava quase no fim e o norte, industrial e poderoso, a vencia, avançando como uma onda arrasadora e sangrenta através do sul do país. A luta agora era apenas uma questão pessoal para os orgulhosos oficiais do destroçado exército dos Estados Confederados da América, o Sul rebelado e que pretendia se separar dos Estados Unidos.

Eles simplesmente se recusavam a admitir a derrota, resistiam teimosamente e arrastavam os jovens e malvestidos soldados confederados a uma matança inútil e terrível.

Desde que fora capturado pelas tropas nortistas durante uma escaramuça numa cidadezinha do extremo norte da Virgínia Ocidental, o cabo Causter tivera tempo para pensar.

Era muito jovem. Mal passara dos dezoito anos e não era justo que acabasse sua vida rapidamente apenas para salvar o amor-próprio de homens enlouquecidos pelo temor da derrota próxima e inevitável.

Sorriu, embaraçado. Nunca imaginara que se sentiria feliz em estar num vagão de prisioneiros de um trem nortista e a caminho de uma prisão federal onde, sem sombra de dúvida, passaria os últimos dias da guerra. Lá, apesar dos pesares, perderia aquela imagem envelhecida que tornara seu corpo jovem e robusto, encurvado, cansado. Os olhos azuis, muito vermelhos e cercados por grandes olheiras. E os cabelos castanhos, longos e despenteados.

Queria voltar a ser jovem antes que sua juventude se perdesse definitivamente.

No entanto, algo que não sabia definir estava preocupando-o desde que o trem passara por Quaxton Barrancks.

Talvez fossem os poucos minutos em que pararam na estação da cidade e, principalmente, os homens espalhados pela gare que os observaram silenciosamente durante aqueles poucos minutos.

Percebera algo estranho e preocupante em seus olhos. Uma amarga lembrança do passado.

Ódio.

Sim, fora isto que vira em seus olhos naqueles poucos instantes passados na estação ferroviária. Um ódio e uma aversão mortais que vislumbrara mais de uma vez nos olhos dos soldados que enfrentara e fora obrigado a matar nos últimos três anos de guerra.

Em parte, compreendia a reação daqueles homens. Era mais do que possível que muitos de seus amigos, filhos e parentes tivessem sido mortos por balas confederadas nos campos de batalha sulistas. Era natural que os odiassem.

Os outros prisioneiros disseram a mesma coisa, despreocupados. Alguns até riram debochadamente. Entretanto, Causter continuou inquieto e sua inquietação aumentou depois que começou a perceber que o trem passara a trafegar mais lentamente alguns minutos após saírem de Quaxton Barrancks.

Nenhum dos outros prisioneiros deu maior importância ao fato e até ironizaram a sua exagerada preocupação. Riram ruidosamente.

Subitamente, o apito da locomotiva soou três vezes e a composição ferroviária foi parando vagarosamente.

Todos se sobressaltaram. Em meio a um burburinho apreensivo, todos se entreolharam. Puseram-se de pé.

Olhando através de uma fresta do vagão, Causter avistou, alarmado, o trem afastando-se rapidamente em sua marcha através da via-férrea. Percebeu que somente o vagão onde estavam presos fora desengatado e se encontrava parado em meio a escuridão e ao denso matagal que margeava os trilhos.

Por instantes, um pesado silêncio abateu-se sobre os prisioneiros. Estendeu-se ao bosque de carvalhos onde, repentinamente, avistaram os focos luminosos de alguns lampiões.

Causter engoliu em seco, assustado e confuso.

Finalmente seus temores se confirmavam. Essa certeza alfinetava-lhe a mente e se acentuou depois que vislumbrou alguns vultos agitados aproximando-se do vagão.

Estavam armados, muitos deles montados. A escuridão encobria-lhes os rostos e os que carregavam lampiões preocupavam-se em mantê-los afastados dos rostos.

— O que é isso? — Perguntou um dos prisioneiros, olhando para Causter.

— Não me pergunte, Skip — Respondeu o cabo, fitando aquelas sombras que se aproximavam do vagão. — Mas creio que nossos amigos ali logo nos dirão.

Nesse momento, um dos recém-chegados abriu o vagão. Os prisioneiros recuaram, assustados, ao verem a porta ser escancarada estrondosamente e o homem dizer secamente — Vamos, saiam!

Causter e os outros hesitaram, os olhos fitos nos cavaleiros perfilados num dos lados da via-férrea, parcialmente encobertos pelo matagal. Nenhum deles usava máscara ou se preocupava em esconder o rosto. Eram desconhecidos para todos.

Insistiram para que descessem.

— E melhor obedecermos — Disse um velho major confederado, desembarcando.

Todos o seguiram. Novamente um pesado silêncio envolveu a região.

Era possível até ouvir-se o sibilar do vento frio que soprava através dos carvalhos próximos.

Os dois grupos se entreolharam demoradamente. Intrigados, os ex-soldados confederados se entreolhavam repetidamente, sem saber o que fazer ou dizer.

Indagando-se sobre o que pretendiam aqueles vultos carrancudos e sem nome. Olhando cada vez mais fixamente para os novíssimos rifles Henry que empunhavam.

Finalmente um dos cavaleiros indagou:

— Quem é o líder entre vocês?

O major se adiantou e informou:

— Eu sou o oficial mais graduado entre os prisioneiros. Posso saber o que significa isso?

— Pode, rebelde — Respondeu um segundo cavaleiro, apontando-lhe o rifle e acrescentando: — Nós não estamos interessados em alimentar assassino em nossas cidades!

Os ex-confederados recuaram, assustados. Ao mesmo tempo, todas as armas apontadas em sua direção foram engatilhadas. E uma saraivada de balas despejou-se sobre todos, atingindo-os seguidamente.

A matança foi terrível. Pilhados de surpresa, os prisioneiros tombaram sem opor qualquer resistência. Os poucos que tentaram esconder-se no vagão, acabaram sendo alvejados nas costas e esparramaram-se no leito de cascalhos da via-férrea. Seus gritos se perdiam rapidamente na noite iluminada pelas chamas alaranjadas dos rifles disparados pelos cavaleiros, abafados pelo crepitar impiedoso da fuzilaria.

Os cadáveres se amontoaram em posições grotescas e horripilantes, mergulhados num verdadeiro mar de sangue. Mesmo assim aquelas sombras apavorantes continuaram disparando as armas sobre eles por mais alguns segundos.

— Já chega! — Disse um deles, erguendo o braço. Muito alto e branco, de cabelos e bigodes cor de areia, os olhos esverdeados brilhando intensamente, concluiu: — Eles estão mortos!

Os rifles silenciaram, fumegantes. Uma densa nuvem acinzentada de pólvora queimada pairava ao longo dos trilhos, encobrindo os cadáveres e o vagão. Aproximando-se, um dos companheiros perguntou:

— Não seria bom nos certificarmos disso, Pat?

— Seria, mas um tiro de misericórdia em todos tomaria muito tempo. Tempo de que infelizmente não dispomos. Afinal de contas, eu, como prefeito de Quaxton Barrancks,

devo estar na cidade quando a notícia de mais esse massacre chegar aos ouvidos do Xerife Sanderford.

— Devíamos ter nos livrado dele — Disse James Lancaster, um tipo corpulento, de cabelos e barba negros, usando um longo guarda-pó cinzento como a maioria dos companheiros. Levantando o chapéu que lhe cobria quase todo o rosto, concluiu: — Ele vai acabar descobrindo tudo.

— Pelo contrário, Jim. Dred é um dos motivos pelos quais o Governo nos tem deixado em paz.

Ninguém suspeitaria de uma cidade onde Dred Sanderford, um famoso herói de guerra, é xerife. Esqueça isso e venha. O nosso trabalho aqui já acabou.

O pequeno grupo fustigou os cavalos e cavalgou lentamente na direção do bosque de carvalhos. Em poucos segundos, desapareceu entre as árvores, engolfados pelas sombras da noite.

Nesse instante, vários cadáveres amontoados uns sobre os outros numa pilha macabra junto ao vagão, rolaram e esparramaram-se pelo leito da via-férrea. Logo em seguida, Causter, o uniforme e o corpo encharcado de sangue, saiu debaixo dos corpos sem vida. Estava ferido no peito, dois pequenos ferimentos de onde jorrava muito sangue.

Tentou levantar-se. Tropeçou e rolou sobre os cadáveres. Horrorizado. Ainda trêmulo e apavorado, sem saber exatamente como sobrevivera àquela fúria homicida.

Engatinhou até o vagão. Apoiando-se num de seus lados, conseguiu pôr-se de pé. Por instantes, não teve forças para desviar o olhar dos corpos sem vida dos companheiros. Não parou de chorar, desesperado, sentindo-se só e abandonado entre inimigos.

Fugir, ele tinha que fugir.

Se qualquer um deles soubesse que sobrevivera, imaginaria que seria capaz de desmascará-los, denunciá-los.

Afastou-se correndo ao longo da via-férrea. Zonzo e cambaleando, por vezes tropeçando e caindo. Pensando apenas em ir para o mais distante possível de Quaxton Barrancks, em salvar a própria pele, antes que a dor intensa que sentia e seus ferimentos o fizessem desmaiar. Antes que ele o deixasse à mercê daqueles chacinadores.

Atravessou o matagal que margeava os trilhos e galgou uma encosta no meio do bosque de carvalho. Vislumbrou uma estrada que serpenteava entre as árvores, a vista embaçada e as pernas fraquejando incontrolavelmente.

Nisso, assustou-se ao perceber uma charrete aproximando-se, sacolejante, muito rapidamente. Pensou que um dos chacinados o vira e voltara para eliminá-lo.

Tentou correr. Tropeçou na raiz de um dos carvalhos e desequilibrou-se, rolando o barranco e estatelando-se na estrada. Virando a cabeça, percebeu a aproximação da charrete e que esta começava a diminuir sua velocidade. Finalmente, parou à sua frente.

Procurou arrastar-se até algumas touceiras, esconder-se daquele vulto indistinguível que desembarcou e caminhava em sua direção. Não conseguiu. Desarmado, cansado e semi-inconsciente, continuou insistindo até que mãos delicadas lhe tocaram o rosto e uma voz feminina perguntou:

— O que houve, moço?

Surpreso, Causter voltou-se e a encarou. Era uma jovem loura e de grandes olhos azuis. Num fio de voz, balbuciou:

— Massacre... Eles massacraram todos...

Todos...

Em seguida, desmaiou.

CAPÍTULO 2

Os vagões-dormitórios do trem da Estrada de Ferro Filadélfia, Wilmington & Baltimore, com destino a Filadélfia foram desengatados do resto da composição. Foram puxados a cavalo, então, por quase três quilômetros de ruas silenciosas e absolutamente desertas de Baltimore até a outra estação ferroviária da cidade.

À noite, escura e nevoenta, era fria e sem estrelas. Elas, como a lua, haviam desaparecido por trás de grossa nuvens negras que pairavam por sobre os prédios, ameaçadoras. A longa viagem aborrecia o coronel Cathcart Soames.

Ele estava cansado, preocupado e tenso. Não sabia por que fora obrigado a abandonar tão repentinamente o comando de uma das brigadas de cavalarianos do Corpo de Voluntários de Connecticut na frente de batalha do Sul. E, principalmente, por que fora obrigado a trocar seu uniforme empoeirado por um velho terno axadrezado, o único que encontrara numa loja de Atlanta, recém-ocupada pelas tropas nortistas.

Não imaginava o que poderia ser importante o bastante para afastá-lo dos campos de batalha. Isso no momento em que a guerra civil, apesar de estar praticamente terminada, prometia estender-se por muitos mais meses se os pequenos focos de resistência não fossem rapidamente eliminados. Era um momento em que oficiais experimentados pareciam insubstituíveis.

Parcialmente calvo, de estatura mediana, pele morena e rosto ossudo, a barba grisalha e curta, resignou-se a obedecer às ordens que recebera. Ocupando solitariamente um dos vagões e sentado junto a uma das janelas, desembarcou depois que os vagões chegaram à segunda estação de Baltimore. Então eles foram engatados ao trem que faria o resto da viagem para Filadélfia.

Caminhou por quase quinze minutos através da plataforma onde alguns passageiros esperavam pelo momento de embarcar. Retirando um charuto do bolso, acendeu-o e pôs-se a fumar de modo nervoso. Talvez desejando acalmar-se.

Foi em vão. Ao ouvir o apito do trem soar estridentemente, anunciando sua partida, Soames fez menção de embarcar. Nesse momento, um jovem oficial do exército saiu da sala do telegrafista da estação e o chamou.

Parando, ele voltou-se e o viu estacar à sua frente e fazendo-lhe continência. Apresentando-se como o tenente Ferguson, da guarnição local do exército.

— O que quer, tenente? — Perguntou o coronel, mal-humorado.

Seu interlocutor lhe entregou um envelope lacrado, dizendo:

— Isso chegou para o senhor esta manhã. É confidencial.

— E do que se trata?

— Segundo a carta que recebemos, são as suas ordens, coronel.

— Nada mais?

— Não. Tudo o que deseja saber está nesta carta.

Soames fez continência para Ferguson e disse:

— Está bem, tenente. Creio que já pode ir.

O jovem oficial afastou-se e entrou num beco lateral à estação ferroviária e de onde segundos após, saiu montando e cavalgando vagarosamente na direção da cidade. Nisso, o apito soou pela terceira vez e o trem começou a se movimentar, arrastando-se preguiçosamente para o norte.

Depois de olhar, intrigado, para o envelope que segurava, Soames embarcou. Minutos mais tarde, a composição ferroviária deixava Baltimore.

Os cadáveres haviam sido retirados no dia anterior, mas o vagão antes ocupado pelos prisioneiros confederados ainda estava parado na via-férrea.

Imóvel, crivado de balas, as portas escancaradas. Era banhado pela luminosidade radiante e fria do sol que se elevava timidamente por trás dos carvalhos de um bosque próximo aos trilhos.

Dred Sanderford fitou-o mais uma vez. Sem esconder sua irritação e aborrecimento. Afinal de contas, o massacre daqueles trinta homens colocara seu nome nos principais jornais do norte dos Estados Unidos e lhe conferira uma fama indesejada, incômoda.

Ele se sentia constrangido. Aquela matança o revoltava e o colocara em posição delicada diante de todos os moradores de Quaxton Barrancks. Afinal de contas, era o xerife da cidade e esse tipo de acontecimento só acirrava os ânimos entre o norte e o sul do país ainda em guerra.

Aos cinquenta e cinco anos, ainda era um homem forte e elegante. Ágil o bastante para saber usar o Colt que carregava no coldre do cinturão e ser respeitado por isso. No entanto, depois daquelas mortes, muita gente na cidade começara a prestar mais atenção a seus cabelos e bigodes brancos, à sua pele enrugada e passou a considerá-lo velho demais para o cargo que ocupava.

Sanderford pretendia afastar-se no final do ano e nem um segundo antes. Não permitiria que aquele massacre antecipasse sua decisão e o forçasse a uma atitude constrangedora e vergonhosa. Não abandonaria o distintivo que carregava preso à camisa que usava sob o paletó negro, antes de encontrar até o último dos responsáveis por aquelas mortes.

Bufou, tentando livrar-se de toda a irritação que sentia desde que encontrou os corpos sem vida dos soldados confederados espalhados ao longo da via-férrea, diante do vagão.

Afastou-se e fez menção de encaminhar-se para o bosque de carvalhos. Estacou, surpreso, ao deparar com Soames, impassível e montado num belo cavalo baio, observando-o e ao vagão atentamente do alto de um barranco que margeava a estrada de ferro.

— Foi aí que o massacre aconteceu, não, xerife? — Perguntou o coronel.

— O quê? — Gaguejou Sanderford.

— Este é o local onde os prisioneiros confederados foram massacrados há três dias atrás?

Os olhos do xerife apertaram-se, irritados.

— E jornalista, amigo?

— Não, não sou.

— E quem é, Sr... Sr...?

— Soames. Coronel Cathcart Soames.

— De que exército, senhor?

— Do nosso, é claro.

— Então o Governo está interessado nesse massacre?

— E não era para estar? Essas mortes têm impedido toda e qualquer tentativa de paz entre o norte e o sul. Os confederados estão cada vez mais desconfiados e indignados.

— Não posso lhes tirar a razão, mas este foi o único massacre ocorrido em minha cidade.

— Eu sei que foi o primeiro em Quaxton Barrancks, mas nós dois sabemos que ocorreram outros em Pittsford e Harrisburg.

— E o governo acha que os três estão relacionados?

— Todos nós achamos e cremos que os confederados pensam o mesmo. Temos razões para acreditar que se não pusermos um paradeiro a essas matanças, muito em breve receberemos notícias de que eles estão fazendo o mesmo com os seus prisioneiros.

— E o governo o enviou a Quaxton Barrancks para participar das investigações?

Retirando um envelope do bolso interno do paletó e estendendo-o na direção do xerife, Soames disse:

— Exatamente. Eis as minhas ordens. Pode verificar, se quiser.

— Farei isso. Mais tarde. — Vendo Soames guardar a documentação, Sanderford indagou: — Diga-me, coronel, o senhor já tem alguma ideia de quem está por trás disso?

— Não, nenhuma. No entanto, acreditamos que seja um grupo de nortistas radicais que são inteiramente contra qualquer acordo de paz com os rebeldes do sul. Creio que esses tipos acham que estabelecendo a desconfiança entre nós, nos obrigarão a lutar e a forçar o Governo confederado a se render incondicionalmente.

— E há alguma diferença entre um e outro modo?

— Não necessariamente. Mas acredito que para eles há. Esses homens odeiam os sulistas pelo que fizeram, e acham que sua tentativa de dividir o país deve ser punida severamente.

— E isso é possível?

— Mais do que imagina, xerife. A perspectiva do fim da guerra deixou os ânimos exaltados de ambos os lados. Nós queremos acabar logo com ela, por isso estamos lutando como loucos e perdendo muitos soldados. Os confederados estão atrás de uma derrota digna. Basta essas matanças para levá-los a lutar indefinidamente, mesmo sabendo que não têm a menor possibilidade de vitória.

— Não estamos numa posição nada confortável, hem, coronel?

— Nem um pouco. E por isso que temos que encontrar e punir imediatamente esses assassinos. Consciente ou inconscientemente, eles estão condenando muitos jovens americanos à morte.

— Bem, então é melhor voltarmos a Quaxton Barrancks e iniciarmos logo as investigações. Não creio que descubramos nada ficando por aqui.

— E quanto a rastros? Não encontrou nenhum?

— Nenhum que nos ajudasse muito ou que, pelo menos, nos desse a menor ideia de quem poderia ter feito isso. Mas havia um rastro que me intrigou.

— Por quê?

— Era o único que seguiu um caminho diferente daquele usado pelos assassinos dos confederados.

— De que tipo eram esses rastros?

— Humanos. Botas, coronel. Com certeza, de um dos homens que estiveram aqui há três dias atrás. O que mais me chamou a atenção foi que ele se separou dos outros e continuou a pé enquanto os companheiros partiram a cavalo.

— Poderia ser um sobrevivente. Se fosse, dificilmente seguiria o mesmo rumo dos homens que mataram seus companheiros.

— 19 —

— É, confesso que essa ideia também me passou pela cabeça...

— Não acredita?

— É possível. Mas depois do que aconteceu aqui, o senhor acha que ele teria interesse em ser encontrado por qualquer um de nós? Para o pobre coitado, toda a cidade deseja matá-lo.

— Bem, se este sobrevivente existe, temos que encontrá-lo. Aposto que seria capaz de reconhecer alguns dos assassinos e nos pouparia muito tempo e trabalho.

Sanderford concordou. Galgou a encosta e acompanhou Soames, quando este atravessou o bosque de carvalhos. Parando junto a uma das árvores, desatrelou a montaria do tronco e montou. Dirigiram-se para a estrada que levava à cidade. Sofrearam os cavalos ao verem uma charrete se aproximando de ambos.

— Conhece-os, xerife? — Perguntou o coronel, observando atentamente o homem e a mulher sentados na boleia do veículo.

— Sim — Respondeu Sanderford. — É o jovem Patrick Cairns e sua noiva, a Srta. Clara Blessington. O pai da pobrezinha morreu em Gettysburg. Ela e o irmão foram morar numa fazenda ao norte daqui.

— Compreendo...

Cairns parou a charrete diante de ambos e, sorrindo, perguntou:

— Como vai, xerife? Ainda investigando a morte daqueles rebeldes?

— É a minha obrigação, prefeito. Mas parece que não foi só Deus que andou ouvindo minhas preces ultimamente. — Apontando para o oficial montado a seu lado, Sanderford apresentou-o, dizendo: — Amigos, esse é o coronel Soames. O Governo também se preocupou com os últimos

acontecimentos em Quaxton Barrancks e o mandou para cá. A partir de hoje, nós dois estaremos trabalhando juntos para descobrir os responsáveis por aquele massacre.

Fitando-o, Clara Blessington indagou:

— Acha que eles ainda estão na cidade, coronel?

— Acredito que esses homens estão entre os seus moradores, Srta. Blessington. Quem sabe, até entre alguns de seus vizinhos.

— Isso não é possível — Objetou Cairns. — Somos uma cidade pacata.

— E o que saberemos, Sr. Cairns, depois que encerrarmos nossas investigações.

— Sabe que podem contar com minha ajuda, não? — O prefeito parecia aborrecido e preocupado, mas esforçou-se para esconder seus sentimentos por trás de um sorriso amistoso e prestativo. — Também não gostamos da notoriedade que adquirimos recentemente. Preferimos ser conhecidos pelo país por motivos mais edificantes.

— Sabemos disso, prefeito — Falou Sanderford.

— E os dois já têm alguma pista? — Interessou-se Clara.

— Não, nada. Por isso, agradeceria toda e qualquer ajuda que puderem nos dar para resolver logo esse assunto.

— Vou reunir o conselho municipal hoje à noite e pedirei a todos os moradores da região para auxiliá-los no que for possível — Prometeu Cairns.

— Mande-os ficar de olhos abertos, prefeito, e lhe serei imensamente grato.

— Farei isso. Nos veremos na cidade?

— Claro.

— Então, com sua licença. Eu e Clara estamos cuidando dos últimos preparativos para o nosso casamento e ainda temos que conversar com o reverendo Tate.

— 21 —

— Então apresse-se, prefeito — Pediu o xerife, sorridente. — Não seremos nós que iremos condená-lo por sua pressa. Afinal de contas, não é todo dia que se tem a oportunidade de casar com a jovem mais bonita do Estado, não é mesmo?

— Não é não — Respondeu Cairns, sorrindo ao ver Clara ruborizar-se, constrangida. Ato contínuo, despediu-se e fustigou os cavalos, afastando-o estrada abaixo.

Voltando-se para o xerife, Soames perguntou:

— Podemos contar realmente com a ajuda dele?

— Ora, é claro — Respondeu Sanderford. — Por que a pergunta?

— Talvez não seja nada, mas ele me pareceu um pouco desinteressado...

— O senhor também estaria se estivesse para se casar com Clara Blessington.

— E, é bem possível...

CAPÍTULO 3

Tom Blessington empalideceu ao ver Lancaster aproximando-se da fazenda num galope lento e despreocupado. Sabia que ele não visitava os companheiros a não ser que tivesse algo urgente para dizer. Isso invariavelmente significava encrenca.

Saiu do estábulo apressadamente, o rosto anguloso e avermelhado molhado de suor, um suor frio e apreensivo. Caminhou em sua direção.

— O que o trás aqui, deputado? — Perguntou.

Lancaster sofreou a montaria à sua frente e disse:

— Temos problemas, Tom.

— Que tipo de problemas?

— O pior deles. O governo está interessado em encontrar os matadores daqueles soldados confederados e mandou um certo coronel Soames para ajudar o xerife nas investigações. Já esperávamos por isso, não?

— Não tão depressa.

— E agora?

— Nada muda. No entanto, seria bom se paralisássemos nossas atividades e nos concentrássemos apenas em fazer o possível para que os dois não cheguem a conclusão alguma sobre o caso.

— Sanderford é um velho perigoso. Não se deixará tapear tão facilmente. Tem medo dele?

— Não foi isso que disse...

— Foi o que entendi.

— Pois entendeu errado. Eu só acho que temos que fazer mais do que apenas paralisarmos nossos ataques para convencê-lo a abandonar as investigações. — Acalme-se, homem. Nós o convenceremos.

— Pat já sabe disso?

— Eu não o encontrei na cidade... Ele esteve aqui para apanhar Clara. Os dois andam muito ocupados fazendo os preparativos para seu casamento.

— Pois espero que reservem uns minutos para mim. Isto é, se quiserem realmente chegar juntos ao altar.

— Deixe minha irmã fora disso, deputado. Ela não sabe nada sobre nossas atividades e é melhor que as coisas fiquem como estão.

— Brevemente ela estará casada com Pat e irá saber. — Só se ele lhe contar. Nós já discutimos isso, e o prefeito partilha de minha opinião. Nós não estamos certos de que Clara compreenderia nossas atividades.

— Está bem. Esse não é um problema meu. Só espero que os dois saibam o que estão fazendo.

— Sabemos, e, acredite, é melhor assim.

Lancaster encolheu os ombros despreocupadamente e fustigou o cavalo. Surpreso, Blessington falou:

— Ainda não me disse o que quer que façamos, deputado.

— O mesmo que pedi aos outros, Tom. Fique de olhos bem abertos e não permita que nem o xerife, nem o coronel Soames chegue a qualquer um de nós.

— E como?

— Isso eu deixo a seu critério, homem. Estou certo de que saberá o que fazer quando chegar a ocasião. Inclusive, matá-los.

— Será preciso?

— Não sei, mas devemos estar preparados para essa possibilidade e para muito mais...

— O que está querendo dizer?

— Nenhum de nós deve ser capturado vivo.

Os olhos de Blessington estavam arregalados quando indagou:

— Está querendo dizer que mataria um dos nossos, deputado?

— Foi o que disse.

— Isso é um absurdo!

— Isso é apenas necessário, Tom... Apenas necessário.

Em seguida, Lancaster afastou-se num trote lento e despreocupado.

Cairns conduziu a charrete que guiava para fora da estrada que levava a Quaxton Barrancks e dirigiu-se para a fazenda dos Blessington. Sentada a seu lado, Clara parecia intrigada. E quando o prefeito parou o veículo diante da casa, perguntou:

— Onde Tom deve ter se metido? Ele disse que nos esperaria.

Cairns sorriu de modo tranquilizador.

— Ah, não se preocupe — Pediu. — Eu aposto que aquele malandro deve estar cochilando em algum lugar por aí. Isso é bem do seu feitio.

Desembarcando, contornou a charrete e ajudou a jovem a descer da boleia. Enlaçando-lhe a cintura com braço, puxou-a para si e perguntou:

— Então? Está feliz?

— Muito. — Clara beijou-o. Percebendo que o noivo a puxava mais vigorosamente em sua direção, afastou-o e indagou: — Não acha que está andando depressa demais, Sr. Cairns?

O prefeito a soltou e prometeu:

— Voltarei à noite.

— Estarei esperando.

Subiu para a boleia. Fustigando os cavalos com as rédeas, pediu:

— Diga a Tom para não sair esta noite. Eu preciso muito falar com ele.

— Direi. — Clara correu os olhos pelas poucas dependências da fazenda e observou o noivo enquanto ele conduzia a charrete através da estrada para Quaxton Barrancks. Em seguida, acrescentou: — Se conseguir encontrá-lo.

Olhou para o estábulo às suas costas. Aí o sorriso desapareceu de seu rosto. Preocupada, contemplou mais uma vez toda a fazenda, antes de entrar. Encaminhou-se para a escada que levava ao depósito de feno e galgou-a cautelosamente; vez por outra, olhando para a porta.

Alcançando-o, sussurrou:

— Cabo? Está aí, cabo Causter?

Nesse momento, Hannibal Causter saiu de trás de alguns fardos de feno amontoados a um canto do depósito e disse:

— Aqui Srta. Blessington.

Clara aproximou-se, apreensiva. Tentou sorrir, disfarçar sua preocupação. Examinando o braço direito do ex-soldado confederado sustentado por uma tipóia, indagou:

— E o ferimento?

— Está melhor. A minha enfermeira é muito boa e dedicada.

A jovem enrubesceu, constrangida.

— Ora, eu não podia deixá-lo morrer.

— Nem todos em sua cidade pensam assim.

— Está enganado, cabo. Quaxton Barrancks é uma comunidade pacata. Sejam quais forem os responsáveis pelas mortes de seus companheiros, posso assegurar que não são nenhum de nossos vizinhos.

— As pessoas mudam, senhorita. Eu vi isso na guerra e creio que também assim, senão por que insistiria em me manter escondido aqui? Por que não contou sobre mim a seu irmão e ao seu noivo?

Clara calou-se, embaraçada.

Inconscientemente sabia que ele tinha uma certa razão.

Desde que o encontrara no meio do bosque de carvalhos, na noite em que os prisioneiros confederados haviam sido massacrados, preocupara-se em escondê-lo.

Nem ela entendera ao certo por que o fizera. Talvez temesse pela reação do irmão.

Tom Blessington era um patriota fervoroso e que não via com bons olhos a rebelião dos estados sulistas desde que estes resolveram se separar do resto do país e formar os Estados Confederados da América. Sentira-se frustrado depois que o exército o rejeitou por causa de um pequeno defeito na perna que o fazia coxear.

Isso parecia ter acarretado efeitos imprevisíveis sobre sua personalidade. Tom tornara-se um homem amargo, e seu ódio pelos confederados redobrara. Clara tinha certeza de que ele não compreenderia o que ela fizera ao salvar a vida de Causter.

Por outro lado, receava que os responsáveis pelo massacre poderiam saber que o cabo sobrevivera e estariam atrás dele para impedir que ele os reconhecesse futuramente. Nem Tom, nem o prefeito compreenderiam sua atitude.

Clara sorriu constrangida, e afirmou:

— Creio que tem razão, cabo.

Causter compreensivo, disse:

— Mas estou certo de que não veio aqui apenas para ver como estou passando, não é mesmo?

— E, não foi.

— Então? O que é?

— O governo enviou um coronel para ajudar o xerife nas investigações sobre o massacre.

— Um coronel ianque?

— É...

— O que quer que eu faça?

— Procure-o. Fale com ele.

— Acha que devo?

— No momento, o coronel Soames é o único que poderá ajudá-lo a sair de Quaxton Barrancks.

— E o xerife?

— Dred Sanderford é um homem honesto, mas o que poderia fazer sozinho contra esses homens?

Causter calou-se, preocupado, a testa franzida; cabisbaixo e pensativo.

— Não tem outra alternativa, cabo — Insistiu Clara. — Por quanto tempo acha que poderei escondê-lo aqui sem que meu irmão o descubra?

Causter a encarou e pediu:

— Traga-os aqui, Srta. Blessington.

— Os dois?

— Qualquer um deles. Se confia neles, acredito que posso fazer o mesmo.

— Está bem, cabo. Agora descanse. Amanhã irei à cidade e os trarei aqui.

— E seu irmão? Ele pode desconfiar de algo...

— Continue escondido e eu cuidarei do resto, meu amigo.

— Está se arriscando demais por mim, Srta. Blessington — Afirmou o ex-soldado confederado, sentando-se atrás de alguns fardos de feno.

Clara sorriu alegremente e disse:

— Tenho certeza de que faria o mesmo por mim se estivéssemos em situação diferente, cabo.

Encaminhou-se para a escada que levava ao estábulo. Nisso, Causter a chamou e quando ela se voltou, disse:

— Obrigado, sim?

A jovem embaraçou-se, sorrindo, sem jeito. Desceu a escada. Perturbada. De vez em quando, olhando para o depósito de feno e pensando em seu solitário ocupante. Por mais que tentasse, não conseguia se despreocupar e mal podia esperar para vê-lo deixando Quaxton Barrancks na companhia de Soames.

Saiu e encaminhou-se para casa. Ao mesmo tempo, Blessington abandonou o esconderijo atrás de um salgueiro junto à entrada do estábulo e a acompanhou com os olhos. Ato contínuo, vislumbrou Causter passar diante da janela no alto do depósito de feno. Irritado, dirigiu-se para seu cavalo atrelado a uma touceira. Montou e afastou-se silenciosamente na direção da estrada que levava à cidade.

Entardecia.

CAPÍTULO 4

A casa de Patrick Cairns era uma elegante e confortável construção de tijolos aparentes, parcialmente encoberta por um extenso bosque de carvalhos nos arredores de Quaxton Barrancks.

Enquanto conduzia sua charrete através de uma pequena alameda de cascalhos, intrigou-se ao ver o cavalo branco de Charles Milverton atrelado no mourão à entrada da casa. Sofreou os cavalos. Ao mesmo tempo, a porta foi aberta e Milverton saiu.

— O que está fazendo aqui, Charlie? — Perguntou, desembarcando.

O sujeito se aproximou.

Magro, levemente encurvado, os cabelos e bigodes vermelhos, com o lado esquerdo do rosto marcado por uma grande cicatriz esbranquiçada, respondeu:

— O deputado me mandou.

— O que Jim quer agora?

— Falar-lhe, prefeito.

— Sobre?

— Ele não entrou em detalhes, mas disse que é importante.

— Mas eu tenho que voltar à casa dos Blessington.

— Será rápido.

Cairns bufou, contrariado, e embarcou na charrete.

— Está bem — Disse, fustigando os cavalos. — E melhor irmos andando.

Manobrou o veículo pela alameda e conduziu-o na direção da estrada para Quaxton Barrancks, acompanhado por Milverton.

Os dois se deslocaram lentamente pelo caminho trevoso e dominado pelas grandes sombras dos carvalhos copados que o margeavam. Não percorreram mais do que Alguns metros antes de se deterem, surpresos, ao verem Blessington aproximando-se a todo galope.

Entreolharam-se, preocupados.

— Minha nossa, o que terá acontecido? — Indagou o prefeito, apreensivo, levantando-se da boleia.

— Acalme-se, Pat — Pediu Milverton, tranquilizador. — Já saberemos.

O fazendeiro parou diante de ambos e quase sem fôlego, disse:

— Um sobrevivente...

Após olhar para Milverton, Cairns indagou:

— O quê?

— Um daqueles malditos rebeldes escapou. — Os três se olharam, tensos e nervosos. Blessington perguntou: — Sabem o que isso significa?

— Sabemos sim — Respondeu o prefeito, em tom sombrio — E agora, mais do que nunca, temos que encontrar Jim.

— E, parece que os seus papéis estão em ordem, coronel — Falou Sanderford, refestelado na cadeira atrás de sua mesa na delegacia de Quaxton Barrancks, examinando alguns documentos.

Parado junto à janela, Soames sorriu espantado, e indagou:

— E o senhor esperava que não estivessem?

— Não sei — O xerife levantou-se e se aproximou. — Depois que a notícia do massacre chegou à cidade, eu ando um pouco desorientado. Não estou certo de que possa compreender a minha situação, mas estamos numa comunidade tranquila. Chegamos a ter alguns problemas ao início da guerra com os confederados, mas na maior parte do tempo nada de mais grave acontece em Quaxton Barrancks.

— Aconteceu agora.

— E... Aconteceu, não?

— Isso o preocupa?

— O que realmente me preocupa é supor que esses assassinos podem estar entre nossos moradores. A cidade jamais será a mesma se tal acontecer.

— Ela sobreviverá a essa pequena fatalidade.

— Mas em que condições?

— O senhor não acha que temos coisas mais importantes com que nos preocupar no momento?

— Já está anoitecendo, coronel. Reiniciaremos as investigações amanhã.

— Tem alguma coisa em mente, xerife?

— Nada de muito objetivo. Talvez possamos averiguar a possibilidade de um dos prisioneiros ter sobrevivido à matança.

— Bem, é um começo — Disse Soames, abrindo a porta. Parou e, voltando-se, pediu: — Se o senhor tiver qualquer novidade, estarei no hotel.

— Não se preocupe, coronel. Eu o manterei informado.

O oficial nortista fez menção de sair. Nesse instante, viu Clara parando a carroça à sua frente e descendo apressadamente da boleia. Fitando-a e percebendo seu nervosismo, disse:

— Tem visitas, xerife.

Sanderford aproximou-se da porta. Deparando com a jovem, indagou:

— O que está fazendo na cidade a essas horas da noite, Clara?

— Precisa vir comigo, Dred.

— O que houve? — Vendo-a calar-se e olhar para Soames desconfiadamente, tranquilizou-a, dizendo: — Esqueça o coronel e fale, querida. Deve ser algo importante, não? Do que se trata?

— O massacre daqueles confederados...

— O que tem ele?

— O que diria se lhe dissesse que sei onde pode encontrar um deles?

— Um sobrevivente?

— E...

— Diria que deve nos dizer imediatamente onde o pobre homem está escondido. Então? Pode fazê-lo? Onde está o homem?

— Na fazenda. Eu o encontrei na estrada e cuidei dele. Não sabia que... Que...

— Não tem importância. Leve-nos até ele, querida. E muito importante.

— Sei disso, xerife.

Acercando-se de ambos, Soames pediu:

— Vá com ela, meu velho.

Espantado, Sanderford indagou:

— E você?

— Vou telegrafar a Filadélfia pedindo o envio imediato de tropas para retirar o nosso sobrevivente da cidade.

— Acha que os chacinadores tentarão matálo?

— Não tenho a menor dúvida. Esse soldado é o único capaz de reconhece-los. O que faria, se estivesse na situação deles?

— E, compreendo aonde quer chegar.

— Ótimo. Então apresse-se, homem, e traga logo o sujeito para Quaxton Barrancks.

Sanderford ajudou Clara a embarcar. Em seguida, subiu para a boleia e apanhou as rédeas dos cavalos. Fustigou-os e conduziu a carroça através da praça principal no centro da pequena cidade.

Depois de vê-los desaparecer entre os prédios iluminados que margeavam uma das ruas próximas, Soames encaminhou-se para a estação ferroviária.

Algumas estrelas cintilavam no céu escuro. Uma grande lua cheia banhava os telhados de Quaxton Barrancks com sua luminosidade leitosa e outonal. O farfalhar de folhas mortas, amareladas, ecoava ao longo de toda a praça principal, agitadas pelo vento frio que soprava das colinas próximas.

CAPÍTULO 5

Causter levantou-se, sobressaltado, ao ouvir o som de cascos de cavalos ressoando cada vez mais próximos do estábulo onde estava escondido.

Aproximando-se da janela no alto do depósito de feno, contemplou atentamente a fazenda e a região que a rodeava. A noite estava estrelada e intensamente iluminada.

De repente, assustado, pousou os olhos nas sombras ameaçadoras de sete homens montados, usando longos guarda-pós e com o rosto coberto por capuzes brancos, cavalgando lentamente na direção do estábulo.

Não era preciso que alguém lhe dissesse, ele sabia que aquelas figuras silenciosas eram os mesmos homens que haviam massacrado seus companheiros dias antes. Estava claro que pretendiam eliminá-lo, impedir que mais tarde pudessem ser identificados.

Causter estava transtornado. Como poderia dizer aqueles homens que não tinham motivos para matá-lo, que não vira o rosto de nenhum deles? indagava-se.

Não teria a menor hipótese e sabia disso.

Estava só e desarmado. Só lhe restava uma alternativa: fugir.

Os sete cavaleiros sofrearam as montarias diante da porta do estábulo e três desmontaram.

Entraram.

O ex-soldado confederado sentiu-se encurralado. Virando a cabeça, viu os três encapuzados sacando os revólveres e encaminhando-se para a escada que levava ao depósito de feno. Ouviu um deles chamá-lo e por segundos, teve a nítida impressão de reconhecer sua voz.

Recuou, assustado, sem saber o que fazer. Nesse momento, olhando distraidamente para fora, percebeu a aproximação de uma carroça num ruidoso tropel. Ao mesmo tempo, os quatro encapuzados montados à entrada do estábulo, voltaram-se, surpresos, e fitaram os recém-chegados. Um deles praguejou ao perceber que Clara conduzia o veículo e que Sanderford estava sentado na boleia a seu lado.

Começaram a disparar os revólveres sobre ambos, obrigando-os a parar a carroça e se entrincheirarem atrás dela. Aproveitando-se dessa distração momentânea e vendo um dos homens surgindo na escada às suas costas, Causter saltou do alto do depósito de feno.

Atingiu o rosto de um dos encapuzados com os dois pés e derrubou-o da sela. Estatelou-se no chão. Ante a surpresa dos outros e os tiros de Sanderford, apanhou o revólver do homem desacordado.

Apressou-se em pôr-se de pé e apanhar as rédeas do cavalo. Baleou um segundo encapuzado que surgiu na janela do depósito de feno e enquanto este caía sobre um companheiro, derrubando-o do cavalo, montou. Fustigou a montaria e se afastou em desabalada carreira, embrenhando-se no bosque próximo ao estábulo. Esquivando-se desesperadamente da violenta descarga de chumbo que se despejou sobre si e desaparecendo entre as árvores.

Quase ao mesmo tempo, Sanderford, entrincheirado atrás da carroça, começou a disparar furiosamente o

revólver contra os encapuzados. Alvejou um deles na cabeça.

— Vamos cair fora daqui! — Gritou outro, saindo correndo do estábulo e montando. Revidou então os disparos do xerife. Ato contínuo e na companhia de três outros encapuzados, seguiu na direção da carroça, descarregando suas armas sobre Sanderford e Clara.

— Proteja-se, filha! — Ordenou o xerife, empurrando a jovem para debaixo do veículo.

O xerife agachou-se para não ser atingido pela saraivada de balas que explodiu num dos lados da carroça. Continuou atirando ao ver o pequeno grupo passar à sua frente a todo galope e se afastar estrada abaixo. Praguejou, aborrecido, sem conseguir atingi-los. Ao mesmo tempo. Clara, ainda trêmula e assustada, saiu debaixo da carroça.

— Você está bem? — Perguntou o xerife, ajudando-a a se levantar.

— Um pouco assustada, mas estou — Respondeu a jovem. — Mas o que foi isso, xerife?

— Parece que os nossos amigos matadores descobriram que o cabo Causter era seu hóspede e resolveram fazer-lhe uma visitinha.

— Matá-lo?

— Bem, pelo menos essa era a ideia se não chegássemos a tempo. Mas pelo que vi o rapaz soube se safar sozinho.

— Fico feliz que isto tenha acontecido.

— Eu também, mas ele criou um pequeno problema para nós.

— Que tipo de problema?

— Como achá-lo. Posso estar enganado, mas duvido muito que volte a acreditar em qualquer um de nós depois desta noite. — Percebendo que Clara se entristecera,

sentindo-se culpada pelo que acontecera ao ex-oficial confederado, Sanderford sorriu compreensivo, e pediu: — Não se preocupe, querida. Cedo ou tarde, nós o encontraremos. Quem sabe, ele resolva nos procurar.

— Acredita mesmo nisso, xerife?

— Bem, pensaremos nisso mais tarde. — Apontando para os cadáveres de três encapuzados estirados no chão diante da entrada do estábulo, comentou: — No momento, temos algo ali que exige a nossa mais completa atenção!

— Aqueles corpos?

— E querida, aqueles corpos podem ter rostos conhecidos e que poderão nos levar aos seus possíveis companheiros.

Então, não está curiosa.

— Nem um pouco.

— Então fique aqui e procure se acalmar. Assim que colocá-los na carroça, voltaremos para a cidade.

— Isso é mesmo necessário?

— Eu não posso deixá-la aqui sozinha. Tom jamais me perdoaria.

— E, aposto que ele também não me perdoará por ter escondido um rebelde na fazenda.

— Por favor, Clara, um problema de cada vez, sim?

Clara Blessington sorriu desanimada, e pediu:

— Vá em frente, xerife. O seu problema me parece maior do que o meu.

* * *

ENCONTRAMOS SOBREVIVENTE MASSACRE PT SOLICITO ENVIO URGENTE DE UMA ESCOLTA PARA TIRÁ-LO DE QUAXTON BARRANCKS CEL. CATHCARTH P. SOAMES

Depois de ler novamente as poucas palavras do telegrama que escrevera, Soames entregou-o ao telegrafista da estação ferroviária e perguntou:

— Será que poderia enviar isso para Filadélfia ainda hoje, amigo?

Solícito e sorridente, o telegrafista apanhou o pedaço de papel e respondeu:

— E claro, senhor.

O coronel entregou-lhe algumas moedas e insistiu:

— Por favor, não se esqueça de enviá-lo, sim? E importante.

— Fique tranquilo, coronel. Ele estará lá amanhã de manhã.

Soames despediu-se do telegrafista e saiu. Ao mesmo tempo, um homem sentado num banco junto à porta, o rosto totalmente coberto pelo chapéu de abas largas que usava, levantou-se e entrou. Aproximou-se do balcão e chamou o telegrafista.

Este, reconhecendo-o, levantou-se e entregou-lhe o pedaço de papel, informando:

— Ele queria que mandasse esse telegrama para Filadélfia, deputado. Parece que um daqueles malditos rebeldes escapou e o coronel está pedindo tropas para tirá-lo daqui.

James Lancaster retirou o chapéu da cabeça e sorrindo debochadamente, disse:

— Não podemos permitir isso, não é mesmo, Huey?

Apanhou-o e acendendo um palito de fósforo, ateou fogo ao papel. Enquanto o via ser rapidamente consumido pelas chamas, o telegrafista sorriu e respondeu:

— De forma alguma, deputado, de forma alguma.

— Tem algum recado para mim? — Perguntou Soames ao recepcionista do hotel. Este, que estava de costas para ele, arrumando algumas chaves nos escaninhos de um pequeno armário, voltou-se, sorrindo de modo atencioso. Era Charles Milverton.

— Não, nenhum, coronel — Respondeu. — Espera por alguém?

— Apenas o xerife.

— Eu o vi saindo da cidade há alguns minutos...

— E, ele não deve ter voltado ainda.

— Não, não deve.

— Bem, avise-me se o vir. — Soames encaminhou-se para a escada que levava ao segundo andar.

Enquanto o via galgá-la, Milverton prometeu:

— Farei isso, coronel.

Soames dirigiu-se para o quarto. Algo na imagem do recepcionista, talvez o seu eterno sorriso, o preocupava. Parecia falso. Aliás, desde que chegara naquela cidade, sentira-se incomodado pela cordialidade e pelo sorriso de alguns de seus moradores.

Tudo era enganador. A intriga e a suspeita estavam em toda parte. No silêncio, nos sorrisos, no próprio ar que respiravam.

Abriu a porta de seu quarto e entrou. Acendeu o lampião que estava sobre a mesinha de cabeceira de sua cama. Estacou, surpreso, ao ouvir o engatilhar de um revólver às suas costas. Levantou os braços e voltou-se lentamente. Deparou-se com Causter, muito trêmulo e suado, apontando-lhe um revólver.

— E o coronel Soames? — Perguntou o ex-soldado confederado.

— Sim, cabo — Respondeu o oficial nortista. — Creio que andamos nos desencontrando nos últimos dias, não?

— Estava procurando por mim?

— Como um louco.

Causter bufou, cansado, e sentou-se na cama, dizendo:

— Ah, pode abaixar os braços, coronel.

Soames atendeu-o, afirmando:

— Pensei que estivesse no estábulo da fazenda dos Blessington, cabo. O xerife e a Srta. Blessington saíram da cidade exatamente para encontrá-lo.

— É, eu os vi.

— Então por que não voltou com eles?

— Porque aqueles sujeitos chegaram antes.

— Os matadores de seus companheiros?

— Os próprios. Os miseráveis não me deram outra alternativa a não ser fugir e bem depressa. Não sei nem como consegui sair vivo daquele estábulo.

— Esses homens, sejam lá quem for, devem estar imaginando que pode reconhecê-los e querem, é claro, certificar-se de que jamais falará.

— Estão enganados.

— O quê?

— Não posso reconhece-lo.

— Espere, espere. O que está dizendo? Não pode...?

— Exatamente. Estava muito escuro naquela noite e eu mal conseguia me controlar quando eles começaram a atirar.

— E como escapou?

— Os cadáveres dos outros prisioneiros caíram sobre mim e me cobriram.

Acho que aqueles assassinos estavam com tanto medo quanto nós e não se preocuparam em verificar se estávamos mortos. — Vendo Soames visivelmente desanimado, acrescentou: — Parece que não serei de muita ajuda, não, coronel?

Cathcart Soames respondeu:

— Muito pelo contrário, rapaz. Talvez venha a ser mais útil do que imagina.

— Não me ouviu? Não posso identificar aqueles assassinos.

— Mas eles não sabem disso.

— O quê?

— Os patifes tentarão matá-lo novamente, agora que sabem que está vivo e em Quaxton Barrancks.

— Deixe-me entender bem. Está querendo que eu sirva de alvo para as armas daqueles homens?

— Isso vai acontecer querendo ou não, filho. Enquanto estiver nesta cidade, eles estarão atrás de você, de mim, do xerife e da Srta. Blessington. Logo que descobrirem que ela cuidou de seus ferimentos e o escondeu.

Assustado, Causter levantou-se da cama e disse:

— Nós temos que salvá-los.

— Quem?

— O xerife e Clara. Se os dois não tivessem chegado na mesma hora em que os mascarados me encurralavam no estábulo, eu jamais teria escapado.

— Quer dizer que os deixou à mercê daqueles criminosos?

— E o que poderia fazer com um revólver descarregado? — Causter exibiu a arma que empunhava.

— Ah, está bem. Descobriremos uma maneira de ajudá-los.

— O quê? Pretende pedir ajuda a alguém na cidade?

— Ao prefeito. Ele é o noivo de Clara Blessington.

— Confia nele?

— Mal o conheço, mas não tenho motivos para pensar o contrário.

— Eu não arriscar-me-ia. Encaminhando-se para a porta, Soames falou:

— Não lhe pedirei isso, cabo. Portanto, fique aqui e tranque a porta.

— Pode apostar que farei isso.

— Ah, e apague a luz, sim?

— Não se preocupe comigo, coronel. E da minha vida que estamos falando e saberei muito bem zelar por ela.

Soames saiu.

Assim que entrou em sua casa e deparou com Blessington e alguns companheiros sentados nas poltronas da sala, visivelmente contrariados e embaraçados, Lancaster sorriu ironicamente e observou:

— E, parece que a noite não foi das mais proveitosas, não, rapazes? Então? O que andaram fazendo?

Um dos homens respondeu:

— Tom descobriu que um dos rebeldes escapou.

Olhando para Blessington sentado junto à lareira, o deputado perguntou:

— Verdade?

— E, Jim.

— E onde estava o sujeito?

Acabrunhado, sem olhá-lo, o fazendeiro respondeu:

— Em minha fazenda? Como?

— Clara o escondeu.

— A sua própria irmã?

— Ela é uma boa pessoa, Jim — Disse outro homem.

— E uma pena que não partilha de nossas ideias, mas podemos compreender sua atitude, ou não?

— E claro que sim... Mas o que querem aqui?

— Aquele rebelde pode nos reconhecer, Jim. Temos que matá-lo.

— Nós? E isso que estão dizendo? Por acaso descobriram que precisam de mim? Por que não o mataram?

— Por favor, meu velho. Sabemos que erramos ao não o informar sobre o que pretendíamos fazer, mas entenda. Não tínhamos muito tempo. Precisávamos agir rapidamente e se não fosse pelo xerife, teríamos conseguido liquidá-lo.

— Sanderford?

E, o velhote apareceu na hora em que íamos matá-lo.

— O que querem de mim?

— Que nos ajude a encontrar o rebelde.

— De que maneira? À essa altura, se tiver um pingo de juízo na cabeça, ele deve estar cavalgando para o sul.

— Tom pensa exatamente o contrário.

— E o que tem em mente, Tom?

Clara falou-lhe do coronel Soames. Acredito que ele levou o xerife à fazenda hoje à noite para convencê-lo a acompanha-lo até à cidade para conversarem.

— Acaso acredita que o rebelde vai procurá-lo?

— O coronel é o único que poderá tirá-lo em segurança de Quaxton Barrancks.

Lancaster observou os companheiros atenta e silenciosamente. A tensão e expectativa envolveu-os por uns instantes. Finalmente, bufou aborrecido, e disse:

— E melhor vocês voltarem para suas casas. Verei o que posso fazer. Levantando-se, Blessington perguntou:

— Vai procurar Charles?

— E possível. O coronel está hospedado no hotel e se pretende realmente encontrá-lo, lá será o primeiro lugar onde nosso amigo rebelde irá procura-lo. Agora, façam o que disse e caiam fora. Mandarei avisá-los se tiver alguma novidade.

Blessington e os outros atenderam-no, encaminhando-se para uma segunda porta nos fundos da casa.

— Idiotas! — Vociferou Lancaster, irritado, vendo-os sair.

CAPÍTULO 6

Saindo do hotel, Soames vislumbrou a carroça conduzida por Sanderford contornando vagarosamente a praça central da cidade e dirigindo-se para a delegacia. Respirou aliviado ao saber que ele e Clara, sentada a seu lado, estavam vivos. Ao ver o xerife parar o veículo num beco lateral à delegacia, aproximou-se apressadamente.

Àquela hora da manhã, Quaxton Barrancks estava deserta. Amanhecia, mas suas ruas e prédios estavam escuros e silenciosos.

Descendo da boleia da carroça, o xerife olhou para Soames e falou:

— Sinto, coronel, mas o rebelde fugiu. Este sorriu despreocupadamente e afirmou:

— Sei disso. Ele está em meu quarto, no hotel. Sanderford e Clara se entreolharam, surpresos.

— O quê? — Indagaram ao mesmo tempo.

— Foi o que disse.

— Então já sabe tudo o que aconteceu, não?

— E, o cabo me contou. Francamente, pelo que ele disse, eu já os julgava morto.

— Nós também.

— Como conseguiu escapar daqueles miseráveis, xerife?

— Bem, creio que há uma certa dose de sorte em tudo isso.

— Milagre seria a palavra mais exata, xerife — Observou Clara, desembarcando. Olhando para a parte traseira do veículo, Soames percebeu alguns cadáveres cobertos por uma grande lona.

Apontando-os, indagou:

— E quem são estes?

— Alguns patifes com um pouco menos de sorte do que nós.

— E o que significa isso?

— Que pertencem ao grupo que massacrou aqueles prisioneiros confederados há quatro dias atrás. Eles pretendiam matar o cabo Causter quando chegamos na fazenda dos Blessington.

— Conhece-os?

— Infelizmente sim. Os quatro trabalham na serraria de Cary Barber, nos arredores da cidade. Três deles são o próprio Barber e seus filhos Andy e Harrison.

— Parece que afinal de contas Quaxton Barrancks não é uma comunidade tão pacata quanto supunha, xerife.

— E, parece que não.

— O que pretende fazer agora?

— Mandar enterrá-los e depois fazer uma visitinha à serraria. Aproximando-se de ambos, Clara disse:

— Algo está me deixando intrigada.

— E o que é, Srta. Blessington? — Indagou o coronel, interessado.

— Como é que eles descobriram que Hannibal...

— Quem? — Perguntou o xerife.

A jovem calou-se, ruborizada, antes de explicar:

— O cabo Causter. Como é que esses assassinos puderam descobrir que estava escondido no estábulo da fazenda? Praticamente só nós três sabíamos.

— E, minha cara, as paredes nesta cidade têm ouvidos. Com certeza, alguém andou ouvindo nossa conversa e tirando suas próprias conclusões. — Quem?

— E o que descobriremos depois que conversarmos com o cabo — Mentiu o coronel.

— Por quê?

— Ele pode reconhecer os assassinos de seus companheiros.

— Causter lhe disse isso?

— E muito mais. — Soames olhou para Clara e acrescentou: — Bem, mas a deixarei que ele mesmo lhes diga isso. No momento, acredito que temos que arranjar um jeito de mandar a Srta. Blessington para casa. Aposto como seu irmão deve estar preocupado.

— Estou certo de que o prefeito não se importará de levá-la — Disse o xerife, ao vê-lo surgir à entrada do beco, acompanhado por Lancaster.

— É claro que não, Dred — Afirmou este, sorridente e abraçando a jovem. — O que houve, querida? O que está fazendo a essas horas na cidade?

— Ela estava comigo, prefeito — Explicou Sanderford.

— Fazendo o que, posso saber?

— Levando-me ao encontro de um dos prisioneiros confederados que sobreviveu ao massacre...

— E como sabia onde ele estava Clara? Você não me disse nada... Embaraçada, a jovem respondeu:

— Eu o encontrei há quatro dias atrás e cuidei dele.

— Devia ter me contado, querida. Nós vamos nos casar semana que vem e não é bom que marido e mulher tenham segredos um para o outro.

— Não me entenda mal, querido. A minha intenção era não o envolver nesse tipo de assunto. Não será bom para sua carreira política, não é mesmo, deputado? — Os olhos

de Clara se voltaram para Lancaster, num terno pedido de ajuda.

Este sorriu amistosamente e tocando o ombro do prefeito afirmou:

— E um homem de sorte, Pat. A sua noiva nasceu para ser a esposa de um político. Não a recrimine mais.

Cairns bufou, ligeiramente contrariado, e falou:

— Está bem. Esqueçamos o assunto.

Mas espero que seja a primeira e última vez que houve segredos entre nós.

— Será.

— Então, vamos, vá para minha casa. Eu logo estarei com você e a levarei para casa.

Clara atendeu-o e saiu do beco. Ao mesmo tempo, olhando para os cadáveres estirados sobre a parte traseira da carroça, Lancaster perguntou:

— Então, xerife?

Encontrou o que procurava? — Em parte.

— Então já sabe quem são os responsáveis pelo massacre daqueles infelizes?

— Saberemos assim que o cabo Causter começar a falar — Informou Soames, os olhos fitos em seus interlocutores.

— Então ele está na cidade? — Perguntou o prefeito, tenso.

— Em meu quarto no hotel. Mas amanhã uma escolta do exército me ajudará a levá-lo para Filadélfia.

— E uma decisão acertada, coronel — Afirmou Lancaster. — E mais do que provável que os criminosos que tentaram matá-lo, o façam novamente se insistir em permanecer na cidade.

— Sabemos disso. Mas não se preocupe. Tiraremos o rapaz daqui.

Um novo sorriso amistoso iluminou o rosto de Lancaster quando apertou a mão do coronel e disse:

— Bem, estou certo de que os dois têm mais o que fazer do que perder seu tempo conversando com alguns curiosos.

— E, temos sim.

— Então não seremos nós que iremos tomar-lhes o tempo. Foi um prazer conhecê-lo, coronel.

— O prazer foi meu, Sr...?

— Lancaster. James Lancaster.

CAPÍTULO 7

E bom tirar logo esses corpos daqui, xerife — Alertou o prefeito, enquanto se afastava na companhia de Lancaster. — Já está amanhecendo e logo isto aqui estará apinhado de curiosos.

— Eles estarão na funerária muito antes disso, prefeito — Prometeu o xerife. Os dois abandonaram o beco. Voltando-se para Sanderford, Soames perguntou:

— Quem é o Sr. Lancaster, Dred?

— Ele é o nosso deputado, coronel. A figura mais importante de Quaxton Barrancks. Há oito anos, Jim Lancaster tem sido eleito para o congresso através dos votos que consegue principalmente nesta parte do Estado. Todos o respeitam muito por estas bandas. Mas por que a pergunta?

— Ah, por nada. Somente curiosidade.

— Bem, pois esqueça-a por uns instantes e me ajude a levar os cadáveres desses miseráveis para o agente funerário.

Subindo para a boleia da carroça, Soames falou:

— Lembre-se de que ainda temos que conversar com o cabo Causter.

Fustigando os cavalos, Sanderford prometeu:

— Não serei eu quem irá esquecê-lo. Creio que em toda cidade não há pessoa mais interessada em pôr todos esses assassinos na cadeia do que...

— Nós dois?

— E, pode-se dizer que sim.

Em seguida, o xerife manobrou o veículo para fora do beco e o conduziu rua abaixo. Lancaster e Cairns acompanharam-nos pacientemente com os olhos. Viram-nos parar a carroça diante da funerária local; desembarcaram e finalmente entrarem.

— Estamos num beco sem saída, Jim — Disse o prefeito, visivelmente tenso. — O que faremos? Quando aquele rebelde abrir a boca, estaremos fritos.

— O que sugere, Pat? — Contrapôs o deputado.

— Matá-lo?

— E quanto antes, melhor. Agora, vamos, leve sua noiva para casa. Eu e os rapazes cuidaremos do cabo Causter.

Causter levantou-se da cama, sobressaltado, ao ouvir alguém bater na porta uma única vez e chamá-lo. Apanhou o revólver na mesinha de cabeceira e aproximou-se.

Bufou, irritado, ao lembrar-se de que o mesmo estava descarregado.

Receoso, indagou:

— E o senhor, coronel Soames?

Do outro lado da porta, uma voz aborrecida respondeu:

— É claro que sou eu, rapaz. Quer abrir logo isto?

Causter atendeu-o, destrancando a porta e deparando com Soames e Sanderford. Os dois entraram rapidamente e o coronel informou:

— Nós vamos tirá-lo daqui, rapaz.

— Por quê? — Espantou-se o ex-soldado confederado.

Atirando o guarda-pó que carregava em sua direção, o xerife respondeu:

— Digamos que estou tendo dificuldades em distinguir amigo e inimigo entre os cidadãos de minha cidade e me

sentiria mais seguro se estivesse na delegacia. Agora apresse-se e vista isto.

— Algum motivo especial?

— Não me leve a mal, filho, mas o uniforme que está usando pode ter algum valor para você, mas no momento só o transformaria num alvo fácil para os sujeitos que pretendem mandá-lo para o cemitério.

Vestindo o guarda-pó, Causter afirmou:

— Está aí um bom motivo para escondê-lo, não?

— Não conheço outro melhor.

Soames abriu novamente a porta do quarto e observou atentamente corredor vazio e às escuras. Voltando-se, disse:

— E melhor andarmos depressa. Já está amanhecendo e quanto mais gente nas ruas, menos hipóteses teremos de tirá-lo daqui sem sermos percebidos.

— E o homem da recepção? — Perguntou o ex-soldado confederado. — Ele poderá nos ver.

— Milverton estava dormindo quando subimos — Informou o xerife — E continuará dormindo se fecharmos a boca e sairmos tão silenciosamente quanto entramos.

Saíram. Encaminharam-se sorrateiramente para a escada que levava ao saguão do hotel. Desceram-na. Estranharam encontrar a recepção vazia.

— Não estou gostando disso — Falou Causter, enquanto caminhava na direção da porta. — Está tudo muito quieto.

Acompanhando-o, Sanderford, mal-humorado, resmungou:

— Deixe de bobagens, rapaz, e continue andando. A delegacia fica do outro lado da praça.

Subitamente, um homem encapuzado surgiu na soleira diante dos três e lhes apontando uma carabina de cano serrado, vociferou:

— Você vai morrer, rebelde sujo!

Disparou então. Os três se atiraram ao chão uma fração de segundos antes que uma descarga de chumbo grosso passasse zunindo sobre suas cabeças e abrisse um enorme buraco no balcão da recepção. Sacando o revólver, Sanderford fez fogo, replicando:

— Não conte com isso, bandido!

O mascarado esparramou-se na calçada de madeira diante da porta, o capuz empapado com o sangue que jorrava de um enorme buraco em sua testa. Vendo quatro outros homens fazerem menção de entrar, Soames disparou o revólver sobre eles e gritou para os amigos:

— Protejam-se!

Alvejou um mascarado que vislumbrou no topo da escada, apontando-lhe um rifle. Ato contínuo, entrincheirou-se atrás do balcão, na companhia de Causter e Sanderford.

— Estamos cercados! — Disse o ex-soldado confederado, os olhos fitos nas figuras ameaçadoras dos encapuzados. Estes, junto a porta, disparavam as armas repetidamente. O saguão encheu-se de fumaça e do crepitar do violento tiroteio.

— Ainda não — Cortou o xerife, apanhando o lampião aceso que estava sobre o balcão da recepção e retirando-lhe a guarnição de vidro.

— O que vai fazer?

— Esquentar um pouco as coisas por aqui. — Levantando-se, Sanderford atirou o lampião na direção da entrada do hotel.

Este espatifou-se contra o umbral da porta, espalhando todo o querosene pelo chão e pelo guarda-pó de dois dos encapuzados ali entrincheirados, transformando-se com apavorante rapidez num grande rastilho de fogo. Este se

espalhou pelo chão, envolveu parte da entrada do hotel e estendeu-se pelos longos casacos que trajavam. Alguns, desesperados, levantaram-se e começaram a despi-los atabalhoadamente.

— Vamos dar a esses miseráveis um pouco de seu próprio remédio, coronel! — Gritou Sanderford, saindo de trás do balcão e disparando o revólver contra os encapuzados.

Acompanhando-o, Soames exclamou:

— Com muito prazer, xerife!

Desfecharam uma furiosa saraivada de balas contra os quatro homens que se debatiam angustiadamente para se livrar dos guardapós em chamas.

Prostrando-os em meio a uma grande poça de sangue, os cadáveres fumegantes e envolvidos por uma nuvem de fumaça e pólvora queimada. Ao mesmo tempo, viram um dos encapuzados sair de um beco próximo ao hotel a todo galope e disparando o revólver sobre ambos.

Recuaram e através da vidraça do saguão, acompanharam-no com os olhos até que ele entrou numa das ruas que desembocavam na praça.

— Bem, cabo, já pode sair aí detrás — Disse Sanderford, voltando-se para o balcão da recepção. — Eles foram embora.

Encontraram o ex-soldado confederado agachado diante do cadáver de um dos mascarados estirado de costas sobre os degraus da escada que levava ao segundo andar; retirando-lhe a máscara.

Aproximaram-se. Virando a cabeça e olhando-os, Causter perguntou:

— Conhece-o, xerife?

— E claro — Respondeu Dred Sanderford, surpreso, olhando para o corpo sem vida de Milverton.

— Nós dois o conhecemos muito bem — Acrescentou Soames. — E o recepcionista do hotel.

Causter levantou-se e após encará-los por uns instantes, preocupado, disse:

— E, meus amigos, definitivamente estamos entre inimigos... Muitos inimigos.

CAPÍTULO 8

Clara ficou intrigada quando, ao sair de sua casa, vislumbrou a charrete de Cairns parada entre as árvores de um bosque próximo. Tinha certeza de que o vira ir embora depois de deixá-la na fazenda. Não conseguia entender por que ele ficara e deixara de ir procurá-la.

Aproximou-se. Talvez Cairns tivesse resolvido ficar para acalmar Tom, pensou.

Seu irmão estava muito irritado depois que soube que ela escondera o prisioneiro confederado no estábulo. Ameaçara até espancá-la.

Clara e o noivo se espantaram com o ódio que viram em seus olhos, com a sua surpreendente irritação. Por isso, Cairns apressou-se em mandá-la para dentro e saíra com Tom.

Conversaram acaloradamente até que o irmão se dirigiu para o estábulo e o prefeito subiu em sua charrete e partiu.

Agora Clara se espantava ao deparar com o veículo parcialmente encoberto por dois salgueiros copados. Imaginava que Cairns devia ter um bom motivo para voltar e não a procurar. Após olhar de um lado para o outro da clareira ao redor da charrete e não o encontrar, encaminhou-se para a fazenda.

Estacou, surpresa, ao ver Blessington entrando no estábulo acompanhado por Lancaster e puxando o cavalo que este montava pelos arreios. Depois de alguns segundos,

não suportando mais a sua curiosidade, esgueirou-se sorrateiramente na direção da porta e pôs-se a observá-los. Viu o deputado desmontar e dizer:

— Temos problemas, Tom.

— E é a mim que diz isso? — Perguntou o fazendeiro. — Eu estou lhe dizendo isto há muito tempo.

— Já soube que tentamos matar aquele rebelde no hotel?

— E, já me contaram. E pelo que vejo, não tiveram muita sorte, não é mesmo?

— Esses rebeldes parecem ter mais vida do que um gato! Miseráveis.

— O que houve?

— O maldito escapou, é claro. Dred e aquele coronel que chegou ontem à cidade se arriscaram para salvar sua pele. Pode entender isso?

— Eu lhe disse que o xerife era um osso duro de roer. Devíamos ter nos livrado dele há mais tempo.

— Não me diga o que já sei, Tom. Não foi para isso que vim aqui.

— E por que veio?

— As minhas ideias acabaram...

— E pensou que eu e os rapazes teríamos alguma?

— Acha absurdo?

— Não, mas o ataque ao hotel fará com que o xerife redobre sua atenção e vigilância. Está ficando cada vez mais difícil matar aquele rebelde.

— E, mas temos que fazê-lo. Não nos resta outra alternativa. Se o cabo Causter sair daqui e começar a falar, poderá reconhecer todos nós.

— Estava muito escuro naquele dia. Ele não pode ter nos visto.

— Quer correr o risco, Tom? Pois faça-o sozinho. Mesmo que haja apenas uma remota possibilidade daquele rebelde reconhecer os homens que participaram do massacre dos prisioneiros confederados, ainda continuo achando que devemos matá-lo.

Blessington calou-se por alguns instantes, pensativo.

— Temos que ser mais cuidadosos na próxima tentativa, pois essa será a nossa última hipótese — Falou. — Sabe disso, não?

— Nós dois sabemos — Respondeu Lancaster, mal-humorado. Com uma expressão maliciosa, indagou: — O que propõe que façamos?

— Está claro que não teremos a menor hipótese de liquidá-lo se não o separarmos de Dred e do coronel Soames.

— Eu não precisava vir tão longe para saber disso. Como se propõe a fazê-lo?

— Poderíamos atacá-los quando os dois estivessem tirando o rebelde da cidade.

— Tenho absoluta certeza de que eles usarão a ferrovia. E a maneira mais rápida. O que me preocupa é que certamente o coronel deve ter providenciado uma boa escolta para acompanhá-los até Filadélfia.

— Ele tentou, mas interceptei o telegrama. Você terá sua hipótese de testar seu plano.

— Não acredita nele?

— Não é isso. A ideia de matar o coronel e atrair para Quaxton Barrancks a atenção e o ódio de todo o Ministério da Guerra é que não me agrada. Não era isso que pretendia quando começamos a atacar os vagões de prisioneiros e a vingar nossos rapazes mortos pelos rebeldes sulistas.

— Ninguém pretendia que as coisas chegassem a esse ponto, mas aconteceu e pronto. Não podemos simplesmente cruzar os braços e esperar que venham nos prender.

— E, você tem razão — Disse Lancaster, montando. — Vou voltar à cidade e avisar os rapazes. Nós nos reuniremos em minha casa logo mais à noite.

Clara apoiou-se à parede do estábulo, tensa, assustada, completamente desorientada.

Sua cabeça zunia estranhamente. Ela custava a crer no que acabara de ouvir. Saber que o irmão participara do grupo responsável pelo massacre dos prisioneiros confederados a entristecera. Mais do que isso, a enojara.

Era terrível demais.

Aos poucos compreendera os motivos de sua tremenda irritação depois que descobrira que ela escondera o único sobrevivente da matança, a pessoa que poderia manda-los para a cadeia ou até mesmo condená-los à morte, na fazenda.

O ex-soldado confederado podia reconhecê-los. Clara sabia que a vida de seu irmão dependia da morte de Causter. Mesmo assim, não permitiria que o irmão ou os companheiros o matassem.

Ainda trêmula e assustada, extremamente pálida, fez menção de se afastar. Nesse momento, chocou-se com Cairns que ante seu espanto, segurou-a pelos braços e, sorridente, perguntou:

— Nunca lhe disseram que é muito feio bisbilhotar, querida?

— Precisa me ajudar, Pat — Disse a jovem, assustada. — Jim Lancaster e meu irmão pretendem matar o cabo Causter.

— Eu também.

— O quê?

Saindo do estábulo, Blessington disse:

— Foi o que ouviu, mana.

Aproximou-se e vendo Clara fitar o noivo com os olhos arregalados, incrédula, concluiu:

— Pat também está conosco.

— Não pode ser... — Gaguejou a jovem.

— Mas é, querida — Afirmou o prefeito. — E eu lamento que tenha ouvido tudo.

— Por que, Pat?... Por que participou de tudo isso? Posso compreender os motivos de meu irmão, mas você...

— Todos nós tivemos os nossos motivos, Srta. Blessington — Afirmou Lancaster —, mas infelizmente não temos muito tempo para explica-los agora. — Voltando-se e olhando para Blessington, acrescentou: — Bem, Tom, creio que encontrei uma maneira de matarmos aquele rebelde sem atrairmos a ira do Governo sobre nós.

— Não entendi — Disse o fazendeiro.

— A Srta. Blessington salvou a vida do cabo Causter. O que acha que ele faria se soubesse que a sequestramos e que a única maneira de a resgatar, será a de se entregar a nós?

Preocupado, Cairns afirmou:

— Não pode fazer isso, Jim.

— Acalme-se, Pat. Não vamos matar sua noiva, apenas usá-la para atraí-lo.

— E acha que ele virá?

— Arriscaremos. De qualquer forma, será um risco menor do que aquele que correríamos se tentássemos pôr em prática o plano de Tom. — Olhando para o fazendeiro, Lancaster apontou para Clara e pediu: — Fique de olho em sua irmã, meu velho. Nós cuidaremos do resto.

Segurando-a pelo braço, Blessington falou:

— Não se preocupe, Jim. Ela não vai atrapalhar nossos planos novamente.

Em seguida, arrastou-a na direção da casa. Depois que os dois entraram, o deputado fustigou o cavalo e olhou para Cairns.

— Ande logo, Pat — Pediu. — Nós temos muita coisa para fazer na cidade.

* * *

— Então? Quando chega a escolta? — Perguntou o xerife sentado por trás de sua mesa, ao ver Soames entrar na delegacia.

O coronel bufou, desanimado, e depois de olhar para Causter sentado numa cadeira diante da mesa de Sanderford, respondeu:

— Não chega.

— O que houve? — Indagou o ex-soldado confederado.

— O telegrafista sumiu e o telégrafo foi danificado.

— Ele não passou o telegrama antes?

— Eu o encontrei parcialmente queimado sobre o balcão da sala do telégrafo.

Levantando-se, Sanderford falou:

— E, seja quem for que estiver por trás desse bando de assassinos, incumbiu-se de impedir que saiamos da cidade.

— E o que faremos? — Perguntou Causter, preocupado.

— Se pudéssemos, contaríamos aos idiotas que o senhor não os viu e que, por isso, eles não correm qualquer perigo — Respondeu o xerife. — Mas não se preocupe. De um jeito ou de outro, nós o tiraremos daqui.

— Espero estar vivo para ver isso.

— Estará, cabo, estará — Garantiu Soames. — Amanhã o trem para Baltimore passará por Quaxton Barrancks. Descobriremos uma maneira de fazê-lo parar na estação...

Subitamente o coronel se calou ao ouvir o vidro da janela às suas costas ser estilhaçado. Acocorou-se e sacou o revólver. Votou-se e viu uma pedra presa num pedaço de papel caída ao chão.

Apanhou-a. O ruidoso tropel de um cavalo se afastando pela rua diante da delegacia, levou-o a abrir a porta e sair. Viu um cavaleiro encapuzado e usando um longo guarda-pó abrir caminho velozmente pela rua ensolarada, obrigando os transeuntes, assustados, a fugirem atabalhoadamente para o interior dos prédios próximos.

Saindo detrás da mesa onde se entrincheiraram, Sanderford e Causter se aproximaram de Soames.

— O que é isso, coronel? — Indagou o xerife.

Retirando o pedaço de papel que estava amarrada à pedra, seu interlocutor o leu rapidamente e informou:

— Eles pegaram a Srta. Blessington.

— Clara? — Gaguejou o ex-soldado confederado, assustado. — Por quê?

— Aqueles malditos querem fazer um trato conosco, rapaz — Disse Sanderford, lendo o bilhete. — Sabe o que têm em mente?

— Posso imaginar. Clara não vai morrer por minha causa. Se for para salvar a vida dela, eu aceito a troca.

Olhando para o ex-soldado e para Sanderford, Cathcart Soames disse misteriosamente:

— Nós aceitaremos.

— O que quer dizer com isso, coronel? Não vai pôr a vida de Clara em risco, vai? — Meu Deus, como um homem apaixonado fica desconfiado, xerife.

— E quem disse que estou apaixonado? — Indagou Causter, embaraçado, olhando para seus interlocutores.

— Eu disse — Respondeu Soames. — Mas não era preciso. Isso está escrito em sua testa. Agora acalme-se, sim? Se tudo correr bem, amanhã o senhor estará falando com a Srta. Blessington sobre suas sinceras, mas apaixonadas intenções. Vai me ouvir?

— Fale, coronel. Estou ouvindo.

CAPÍTULO 9

A noite desceu rapidamente sobre Quaxton Barrancks. Quase que ao mesmo tempo, como que obedecendo a uma ordem não dada, suas ruas esvaziaram-se e seus moradores refugiaram-se nas casas. Temiam algo, um perigo invisível, mas presente no silêncio que a envolvera tão sutilmente quanto a luminosidade pálida da lua e das estrelas que cintilavam no céu escuro.

Ao verem a porta da delegacia se abrir e Causter sair cautelosa e silenciosamente, os dois cavaleiros encapuzados que a observavam de um beco próximo se agitaram, em tensa expectativa. Permaneceram parados enquanto ele desatrelou o cavalo do mourão e montou.

No entanto, assim que o ex-soldado confederado começou a se afastar num trote apressado, fustigaram as montarias e fizeram menção de segui-lo.

Estacaram, engolindo em seco e empalidecendo, ao ouvirem o súbito engatilhar de alguns revólveres às suas costas e alguém dizer:

— Desçam logo desses cavalos, seus patifes, ou nós teremos o maior prazer em transformar suas cabeças em duas grandes peneiras.

Um dos encapuzados olhou para trás com a ponta dos olhos e viu Sanderford e Soames lhes apontando os revólveres. Ao mesmo tempo, seu companheiro retirou a

carabina da bandoleira da sela e, voltando-se, disparou-a na direção dos dois, vociferando:

— O que está esperando, Barney? Atire logo nesses intrometidos!

Um balaço arrancou o chapéu da cabeça do xerife, que replicou:

— Cometeu um grande erro, canalha... Um erro fatal! — E fez fogo.

Assustado, vendo o comparsa ser atingido no peito e escorregar da sela, o outro encapuzado levantou os braços e pediu:

— Não atirem... Por favor, não atirem!

Soames aproximou-se rapidamente e apontando-lhe o Colt, desarmou-o.

— Desmonte, moço — Ordenou.

Ato contínuo, algemou-lhe as mãos às costas e empurrou-o na direção do xerife, acrescentando:

— Tome, Dred! Ele é todo seu!

Puxando-o pelo braço, Sanderford atravessou a rua e encaminhou-se para a delegacia, acompanhado pelo coronel. Parando junto à porta, observou, apreensivo:

— O rapaz não voltou como havíamos combinado.

— Ah, eu já esperava por isso — Afirmou Soames, de um modo tranquilizador. — Sabia que o coração falaria mais alto e ele esqueceria tudo para salvar a mulher amada.

— E agora?

— Tranque esse miserável e eu lhe direi.

Sanderford entrou, puxando o mascarado pelo braço. Após observar os prédios vizinhos atentamente, Soames acrescentou:

— Agora que não temos mais ninguém nos vigiando, ficará bem mais fácil pôr o resto deste bando de assassinos atrás das grades.

Hannibal Causter olhou para a fazenda dos Blessington. Viu o sol erguer-se por trás do estábulo e despejando-se numa infinidade de luzes e cores através dos bosques orvalhados que a rodeavam.

Enquanto se aproximava vagarosamente por uma estradinha estreita e esburacada, olhava de um lado para o outro, desconfiado. Não compreendera por que os sequestradores de Clara haviam resolvido esperá-lo na fazenda.

Apesar de não conhecer a região, sabia que havia muitos lugares mais desertos e menos iluminados para se encontrarem sem correrem o risco de serem vistos ou observados por alguém mais curioso. Eles deviam estar certos de que não teriam mais qualquer tipo de problema depois que o liquidassem, pensava.

Cavalgou para o interior do estábulo e desmontou. Chamou por Clara. Nisso, um grupo de mascarados surgiu à porta apontando-lhe suas armas.

— Eu vim sozinho — Disse o ex-soldado confederado, erguendo os braços.

— Vimos isso — Falou um dos encapuzados, olhando para o comparsa postado junto à janela do depósito de feno acima de suas cabeças. Percebendo que Causter olhava insistentemente para Clara, segura pelos braços por dois outros homens, acrescentou: — Ah, e não se preocupe com a Srta. Blessington. Agora que o senhor está aqui, ela não nos interessa mais.

— Vai matá-la?

— Não, não será necessário... Não depois de seu casamento.

Um dos homens que seguravam a jovem pelos braços retirou o capuz. Era Cairns e depois de sorrir debochadamente, garantiu:

— Eu cuidarei disso.

Postado no lado oposto da irmã, Blessington tirou o capuz e, nervoso, disse:

— Vamos acabar logo com isso, Jim. Já amanheceu e não seria bom sermos vistos vestidos assim durante o dia.

Apontando a carabina na direção de Causter, Lancaster concordou:

— Está bem. Vamos, cabo, saia. Nós seremos breves.

Causter olhou mais uma vez para Clara que se debatia, irritada. Sorriu, resignado, como que pedindo-lhe para que se acalmasse. Dizendo que não valia a pena arriscar-se por ele. Em seguida, obedeceu, abandonando o estábulo seguido pelos encapuzados. Dirigiram-se para o bosque próximo.

— Vão me matar? — Perguntou.

— Não temos outra alternativa — Respondeu o chefe dos mascarados.

— O que diria se eu afirmasse que não vi os rostos de nenhum de vocês no dia do massacre?

— Diria que essa tentativa é inútil, rebelde. — E o encapuzado segurou-lhe o braço, obrigando-o a parar. Encostando-o ao tronco de um salgueiro, disse: — Aqui está bom.

Afastou-se e apontou-lhe a carabina.

— Adeus, cabo — Despediu-se zombeteiramente.

Causter engoliu em seco ao vê-lo engatilhar a arma e os outros encapuzados fazerem o mesmo. Olhou novamente para Clara parada na porta do estábulo e ladeada pelo irmão e por Cairns. Por algum motivo preferiu ver as lágrimas em seus olhos a fitar as armas apontadas em sua direção. Aquela seria a última imagem que veria antes do fim.

De repente, um tiro ressoou através do bosque e foi abafado pelo som surdo de cascos de cavalos se

multiplicando assombrosamente numa carreira desembestada, cada vez mais próximos. Ato contínuo, todos se voltaram e olharam para o mascarado postado na janela no alto do depósito de feno. Naquele momento, alvejado no peito, ele precipitava-se pesadamente no chão, morto. Ao mesmo tempo, viram Soames e Sanderford avançando a todo galope pela estrada que levava à fazenda e disparando os revólveres repetidamente.

— Vamos, rapazes! — Gritou o chefe dos mascarados, assustado, vendo alguns comparsas tombarem, baleados. — Acabem com ele!

E fez uso da carabina contra os dois recém-chegados.

Os outros entrincheiraram-se entre as árvores. Blessington e Cairns arrastaram Clara para o interior do estábulo.

Aproveitando-se da distração de todos ali, Causter atirou-se sobre as costas do chefe dos mascarados e prostrou-o de bruços no chão. Ágil, desarmou-o e atingiu-lhe o queixo com a coronha da carabina. Retirou o revólver do coldre de seu cinturão e disparou seguidamente contra os encapuzados, encurralados agora entre dois fogos. Alvejou dois deles.

Enquanto os outros debandavam, embrenhando-se no bosque perseguidos por Soames e Sanderford, Causter encaminhou-se apressadamente para o estábulo. Parou, petrificado de surpresa, ao deparar com Cairns e Blessington saindo de seu interior montados e lhe apontando seus revólveres.

— Saia da frente, idiota!

— Rosnou o prefeito, disparando o Colt e tentando alvejá-lo.

Causter atirou-se para o lado e descarregou o revólver sobre ambos, dizendo:

— Isso é pelos meus companheiros, assassinos!

Os dois caíram dos cavalos, baleados mortalmente. Os animais em seguida afastaram-se relinchando, apavorados, num galope desembestado.

Levantando-se, Causter olhou para os cadáveres estirados a seus pés antes de entrar no estábulo chamado por Clara. Depois de alguns segundos, sorriu, aliviado, ao ver a jovem sair de uma das baias muito pálida e trêmula.

— Já acabou, querida — Informou, aproximando-se.

Clara abraçou-se a ele desesperadamente.

— Oh, Hannibal, o que aconteceu com Tom...? Com todos esses homens?

— Indagou, choramingando. — Não pense nisso, Clara... Não pense. Será melhor assim.

Saíram do estábulo. Ao mesmo tempo, viram o xerife e Soames saindo do bosque e cavalgando na direção de ambos.

— Vejo que encontrou o que veio buscar, cabo — Observou Sanderford, maliciosamente, puxando um terceiro cavalo sobre o qual estava atravessado o corpo inconsciente de James Lancaster.

Apontando-o, Causter disse:

— O senhor também, não, xerife?

— Bem, não posso me queixar. Foi uma pena não termos conseguido pegar todos esses assassinos. Alguns fugiram, mas creio que assim que chegarmos à cidade, o nosso ilustre deputado terá o maior prazer em nos levar a seus companheiros.

— E o que acontece comigo agora?

— Irá para uma prisão militar em Nova Iorque, rapaz — Informou Soames. Percebendo uma certa apreensão no rosto de Clara, no modo como ela se abraçou mais fortemente ao ex-soldado confederado, acrescentou: —

Mas como a guerra está praticamente no fim, acredito que poderei deixá-lo por mais alguns dias sob a custódia do xerife.

Após fitá-lo e sorrir zombeteiramente, Sanderford olhou para Causter.

— Leve a Srta. Blessington para casa, rapaz — Pediu. — Ela já teve muita emoção por hoje...

— Todos nós já tivemos até demais, xerife — Acrescentou Hannibal Causter, colocando o braço sobre os ombros da jovem e conduzindo-a para a casa da fazenda.

Enquanto via os dois se afastarem, Dred Sanderford comentou:

— Foi um belo gesto o seu, coronel. A garota vai precisar de muito apoio, agora que está sozinha.

— E, foi, não? — Falou Soames. — Espere até que o pobre cabo Causter descubra que não fizemos nada além de arranjar um marido para a Srta.

Blessington.

— Parece que andou tirando-o de uma prisão para colocá-la em outra, coronel, pensando bem, não foi algo muito limpo, sabia?

— E, não foi, não? Mas ele é o "inimigo", lembra-se?

Os dois riram. Puxando o terceiro cavalo sobre o qual estava estirado o corpo inconsciente e algemado de Lancaster, fustigaram as montarias. Começaram a galopar na direção da estrada que minutos mais tarde os levaria para Quaxton Barrancks.

FIM

Viva o Oeste em Bolsilivros

NOVAS ESTÓRIAS TODAS AS SEMANAS

À VENDA NAS BANCAS